

Fernando Igreja é jornalista profissional, nasceu em Lisboa em 1961, doutorado em Antropologia, pós-graduado em Comunicação e *Marketing* Político e Jornalismo (CENJOR). Iniciou a carreira na Madeira onde foi co-fundador do jornal O Parcial. Fez carreira como free lancer para o jornal O Dia, tendo sido Director da revista de Comunicação Media XXI e Região de Lisboa.

Bruxaria o Xamanismo Europeu

Podemos definir a Bruxaria ibérica como religião extática, principalmente feminina, dominada pela deusa nocturna com muitos nomes. No mundo ocidental peninsular parece haver especial atracção por divindades ctónicas e de “âmbito nocturno”, como é o caso de Atégina e Endovélico. A sua origem perde-se no Paleolítico Superior mas difundida pela Europa através dos povos, por sua vez tinham sido influenciados provavelmente pelas crenças escitas e gregas derivadas dos xamanes euro-asiáticos. Magia e magos hão praticamente em todo o mundo, ao passo que o xamanismo aponta para a ‘especialidade’ mágica específica [...]: o ‘domínio do fogo’, o voo mágico etc. Por isso, embora o xamã tenha, entre outras qualidades, a de mago, não é qualquer mago que pode ser qualificado de xamã. A mesma precisão se impõe a propósito das curas xamânicas: todo *medicine-man* cura, mas o xamã emprega o método que lhe é exclusivo. As técnicas xamânicas do êxtase, por sua vez, não esgotam todas as variedades da experiência extática registadas na história das religiões e na etnologia religiosa; não se pode, portanto, considerar qualquer extático como um xamã: este é o especialista em transe, durante o qual se acredita que a sua alma deixa o corpo para realizar ascensões celestes ou descensões infernais. Mas foi sobretudo o sacerdócio feminino greco-romano a continuar os ritos e a manifestar-se na crença mais antiga no seu valor como bruxas, videntes e curandeiras, por revelarem faculdades de visão sobrenatural, foram perseguidas pela inquisição. Nunca devemos esquecer a importância que tem a religião nas sociedades antigas. Mas existe dificuldade para reconstruir os aspectos internos da religiosidade antiga como estado mental, complexo de crenças e sentimentos sobre as forças naturais. Assim só podemos constatar os aspectos internos manifestados nos rituais (Marco, 1986).

Se o processo arcaico de obtenção do estado extático (ou estado xamânico) é baseado no procedimento extático, quase imperativo nos primeiros tempos (em consequência de doença/iniciação), através dos séculos de múltiplas técnicas permitiram atingir este dom. O estado de xamane é sobretudo a experiência de atenção, estado específico de comunhão com as energias naturais e cósmicas. Chegados a este estado, os grandes bruxos possuem a sensibilidade extrema de identificação das energias e o conhecimento dos elementos, os seres e as forças pelo interior e não pelo intelecto. O que caracteriza o bruxo é a harmonia com as energias do seu ambiente e a grande flexibilidade de adaptação aos meios nos quais evolui. Para ele, o universo é a emanação do princípio criador: tudo é energia, é vida e é divino. Esta visão panteísta não se dirige, não somente, os animais e os vegetais, mas igualmente os elementos, os minerais e mesmo as formas novas de evolução industrial e as energias do Cosmos. Participa na evolução da criação, é solidário deste mundo, é o médium entre a comunidade humana e os “seres-energia” quaisquer que sejam eles.

A iniciação na Bruxaria surge aparentada com certeza com o xamanismo como forma preliminar da forma mágico-religiosa. Por exemplo, o “despedaçamento do corpo” do candidato, sua “descida ao Inferno” e as “revelações” aí obtidas são as etapas da “morte ritual”, no xamanismo quer na Bruxaria, constitui a essência mesmo da iniciação nas “técnicas do êxtase”. Isso porque é a experiência da morte ritual que irá revelar ao xamã ou o Bruxo:

- (1) A forma, como o corpo é mutilado, devorado e renovado pelos espíritos (“desmembramento”);
- (2) O itinerário perigoso e cheio de “pontes”¹ e “passagens perigosas”² onde a alma humana deve andar no caminho para o “mundo dos mortos” (“descida ao Inferno”); e
- (3) A instrução do xamã, por parte dos espíritos e deuses (“revelações”), nas técnicas que permitirão não apenas a sua própria ressurreição mas, principalmente, a repetição da viagem sempre que necessário: as “técnicas do êxtase”.

¹ “A Ponte, na verdade, não é apenas passagem dos mortos; é também [...] caminho dos extáticos”. “Os xamãs, assim como os mortos, precisam atravessar a ponte durante a viagem aos Infernos”.

² “Assim como a morte, o êxtase implica “mutação”, o mito traduz plasticamente pela passagem perigosa”. Eliade dedica parte do XIII cap. do livro ao tema “A ponte e a ‘passagem difícil’ ”.

A experiência “extático-mórbida iniciática” do xamã (caracterizadas pela doença e pelos sonhos extáticos, entre outros) é, portanto, essencialmente didática. Mas o “conhecimento” alcançado nesta experiência não fica restrito ao ambiente do próprio xamanismo, sendo posteriormente incorporado na mitologia, nos rituais e naquilo Eliade chamou “geografia funerária”³:

As práticas mágicas religiosas das bruxas portuguesas são próximas das práticas umbandistas onde se propõem a soluções das aflições, da inveja, de encosto de espírito, do feitiço dos consulentes (Cateto).

Não obstante, interessa-nos os extraordinários traços semelhantes existentes entre xamanes de diferentes partes do mundo e ao mesmo tempo, de diferentes épocas. É normal encontrar-se com diferenças entre culturas geograficamente afastadas umas das outras; no entanto, são os análogos os que nos surpreendem e intrigam. Sem opor necessariamente entre si, os especialistas mencionados aprofundaram diferentes aspectos do fenómeno da bruxaria e bruxas. Incluímos alguns dos mitos pré-cristãos de raiz xamânica, de acordo com as teorias de Carlo Ginzburg, Mircea Eliade e Gustav Henningsen.

Carlo Ginzburg explica pela existência de autêntica continuidade extática. Homens e, sobretudo as mulheres reviviam, as suas relíquias nocturnas, mitos agregados a eles desde espaços e tempos remotíssimos. Acreditamos nas similitudes provêm da maneira onde o sistema nervoso humano reage em estado de consciência alterada. A palavra “xamânico” banalizada ao ponto de agora ser empregue, sem estar definido, para qualificar muito o largo conjunto de fenómenos (objectos, acções, criações artísticas, etc.), mesmo na ausência de xamanes provados e mesmo em sociedades não consideradas xamânicas, os etnólogos são especialistas. A influência de Michael Harner é importante, deixando crer: «Apesar do termo seja oriundo da Sibéria, a prática do xamanismo existiu em todos os continentes habitados»⁴. É mais velha a religião do mundo, praticada em qualquer lugar do mundo, além da Sibéria, particularmente na Iacútia, na Buriátia à volta do Altai, reencontra-se sob diferentes formas em toda a Ásia, nos índios na América do Norte e na América do Sul. É a filosofia popular e o conjunto de práticas mágicas caracterizadas pelo culto da natureza, pela crença aos espíritos e práticas divinatórias e terapêuticas como transe e do êxtase⁵.

A consciência pode ser entendida de duas formas, a saber:

- Em estreito significado da palavra, e
- Em sentido lato da palavra (Scharfetter, 1999).

No primeiro caso, a consciência: é a percepção, conhecimento mais ou menos claro que cada um pode ter da sua existência e da do mundo exterior (1996)⁶. Deste ponto de vista, consciência e mente podem distinguir-se: a consciência é a parte da mente que respeita ao si e ao conhecimento. A mente pode existir sem consciência, como se descobriu através dos doentes que possuem uma, mas não a outra. A consciência é ingrediente indispensável da mente humana, mas não constitui a globalidade da mente humana (Damásio, 2000). No segundo caso, a consciência refere-se à totalidade do potencial vivenciável, i.e., corresponde à área mental, vida (vivência) psíquica. Portanto, inclui:

- Os campos da consciência: consciência da vigília ou vigeil média (consciência quotidiana), consciência do sono, sobreconsciência e subconsciência, e

³ Além de “funerária”, esta “geografia” também chama [Eliade] de “mística” e “mítica”.

⁴ Segundo Eliade, o “xamanismo *strictu sensu*” era “fenómeno religioso siberiano e centro-asiático” e portanto todos os outros xamanismos do mundo seriam variações mais ou menos desvirtuadas deste ideal. Porém, como nota o antropólogo Piers Vitebsky: “havia vários tipos de ‘xamãs’ [na Sibéria e na Mongólia], inclusive no seio da mesma sociedade e até no mesmo acampamento. [...] A ideia do xamã puro ou ideal, tal como apresenta Eliade, torna-se cada vez mais difícil de sustentar em qualquer pesquisa nesta região social e ecologicamente diversificada” (2001). Críticas calorosas ao trabalho de Eliade podem ser encontradas em Lewis (1993), apesar deste autor ter anteriormente considerado o seu trabalho “convicente” (1971).

⁵ O mundo inteiro está pegado à multidão de forças nefastas invisíveis, de demónios, de diabos ou de espíritos nocivos que existem apenas para causar de acervos de aborrecimentos: semeiam a doença e a morte entre os humanos e o seu gado, elaboram diferentes obstáculos às suas actividades, desmencaminham o indivíduo de mil maneiras, incitam a cometer de más condutas, influenciam as condições atmosféricas para fins prejudiciais, etc.

⁶ In *Nova Enciclopédia Larousse*.

- O consciente e (pelo menos em parte) o inconsciente (Scharfetter, 1999). Nesta perspectiva, Simões (1997a) propõe a seguinte definição de consciência (psicológica): «é a totalidade experiencial, imediata e actuante da vida psíquica momentânea, dentro do fluir contínuo desta. Manifesta-se pelas capacidades de captar, ordenar, integrar e responder a informação proveniente do mundo interior, exterior e de outros indivíduos, envolvendo ou não estimulação de órgãos sensoriais, capacidade de influenciar agentes físicos ou organismos vivos por meios não mecânicos, bem como de elaborar a comunicação verbal, não verbal gestual e não verbal presencial. É óbvio, nestas capacidades se incluem não só os fenómenos psíquicos conhecidos, como também os chamados fenómenos “anómalos” ou parapsicológicos e ainda os fenómenos placebo.

Mesmo a diversidade do xamanismo, peça fundamental para entender a Bruxaria ibérica, pode à primeira vista, parecer determinante pois existem analogias de ordem neurológica. Estas permitem ter ideia do contexto mental e social no qual a religião e a arte paleolítica, por exemplo, se desenvolveram, bem como as razões conducentes a alguns indivíduos a desfiar os mistérios das grutas para fazer representações ou contentar-se somente em tocar as húmidas paredes calcárias. A comunhão de crenças e de cultura, as fronteiras comuns, desde tempos imemoriais aproximavam os povos ibéricos⁷, permitiam a estes conhecimentos heterodoxos, primeiro manuscritos e posteriormente impressos, cruzassem com maior facilidade as linhas de demarcação entre os dois países. Com frequência, a Espanha forneceu a memória histórica destas crenças, enriquecendo o património ocultista português. Noutras ocasiões, Portugal contribuiu para a continuidade vivencial das crenças e das técnicas proscritas. Mas, de uma forma ou de outra e não obstante as perseguições movidas pelas autoridades civis e religiosas, principalmente pelo Tribunal do Santo Ofício, a magia e as suas técnicas continuaram bem presentes na memória colectiva das duas nações ibéricas (Benedita, 1994). O lado importante na difusão mais tarde da religião é não carácter dogmático e não pretender instituir-se em igrejas. Outro aspecto relacionado com este espírito e deve ser realçado é encontrar a sua capacidade de antropofagizar as crenças e práticas religiosas existentes nos locais onde se instala, integrando-se em representações.

O ressurgimento do culto nos tempos modernos parece ter-se iniciado sossegadamente algum tempo depois da 1ª Guerra Mundial⁸. Ao princípio foi mais bem furtiva e ainda hoje é actividade secreta embora alguns círculos apareçam publicamente mas continuam a ser discretos. Os seguidores afastam-se da atenção pública porque o culto perderia a inspiração espiritual e o êxtase ao executar diante dom auditório. O culto subsiste hoje maioritariamente em áreas urbanas ou suburbanas, em classes média e alta e curiosamente com pendor de educação elevada.

Também o êxtase das seguidoras da deusa nocturna nos remete aos xamanes da Sibéria ou Lapónia. Encontramos o voo da alma para o mundo dos mortos, em forma de animal, no costado de animais ou de outros veículos mágicos. O “gandus”, bengala dos xamanes lapões, relacionou-se com a

⁷ Andosinos; arenosios; arévacos; astúres; autrigones; bargusios; baleares; berones; belos; bastetanos; bástulos; carístios; célticos; cerretanos; cántabros; contestanos; cónios; carpetanos; deitanos; edetanos; galaicos ou calaicos; iacetanos; ilergetes; ilergavones ou ilercaones; indigetes ou indicetes; laietanos ou laetanos; lacetanos; lusones; lobetanos; lusitanos; mastienos; mentesanos (oretanos?); olcades; oretanos; germanos da Oretânia; pelendones; sedetanos; suesetanos; titos; túrdulos; túrdulos velhos; túrmogos; turdetanos; turboletas; vacceus; vetões; várdulos; vascões ou vascones. **Sobre os povos do Noroeste:** Os galaicos, astúres ou astures e cantábricos dividiam-se em vários povos e muitos destes, por sua vez, em fracções menores. Os *callaeci* foram divididos por Roma em *Bracarense* e *Lucenses*; bracarense foram os *aebisoci*, *amphiloci*, *auregenses*, *aquiflavienses* ou *turodi*, *auobrigenses* ou *aobrigenses*, *bibali*, *bracari*, *callaeci*, *coelerni*, *equaesi*, *grouii* ou *gróvios*, *helleni*, *interamici*, *leuni*, *limici*, *luanci*, *lubaeni*, *narbasi*, *nemetati*, *quarquerni*, *seurbi* e *tamagani*; e entre os lucenses estavam os *albiones*, *arroni*, *artabri* ou *arrotrebae*, *baedyi*, *cibarci* ou *cabarci*, *cileni*, *copori*, *egivarri* *namarini*, *iuadovi*, *lemavi*, *neri*, *poemani*, *praestamarci*, *seurri* e (*celtixci*) *supertamarci*. Os astúres dividiam-se, no tempo de Roma, em *astures transmontani* e *augustani*, i.e., situados respectivamente, a norte e ao sul da cordilheira cantábrica. Os transmontanos os *lugones* e *paesici*; e augustanos os *amaci*, *baedunienses*, *brigaecini*, *gigurri*, *lancienses*, *lugeii*, *lugones*, *orniaci*, *selini*, *superati*, *tiburi* e *Zoelae*. As divisões dos cántabricos compreendiam, como mínimo, aos *avarigoni*, *blendii* (=Plentusioi?), *camarici* (?), *concani*, *coniaci* (=coniscoi?), *corucani*, *iuliobrigenses*, *moroicani*, *ongaviolci* (*octaviolci*?), *orgenomesci*, *salaeni*, *vadinienses* e *vellici*.

⁸ Diversas teorias a respeito de por que começou a ressurgir o culto na década de 1920 e crescendo a partir daí. A obra importante é a da professora Margaret Murray, notável antropóloga, foi a primeira a aplicar os métodos desta ciência à bruxaria. Demonstrou mediante provas antropológicas combinadas com os processos jurídicos de bruxas, onde a bruxaria era a antiga religião proveniente do culto à fertilidade, provavelmente encontrou a primeira expressão sofisticada no Egipto.

bengala em forma de cavalo usado pelos xamanes buriates e por outro, com o cabo da vassoura sobre o qual se seguravam as bruxas para dirigir-se ao aquelarre ou coventículo. O núcleo folclórico do aquelarre – voo mágico e metamorfose parece proceder de antigo substrato euro-asiático⁹.

A componente tradicional, próxima do xamanismo *in latu sensu*, desta prática releva-nos para o *status* seguinte:

Qualquer seja o método de selecção, os bruxos são reconhecidos após ter recebido dupla instrução:

1. De ordem extática (sonhos, transe, etc.);
2. De ordem tradicional (técnicas tipo xamânicos, nomes e funções dos espíritos, mitologia e genealogia do clã, linguagem secreta etc.).

A Bruxaria Ibérica baseia-se neste reconhecimento extático e por isso, é holorénica e a etimologia vem do grego *holós* (“globalidade”, “totalidade”) e do verbo grego arcaico *renicós* (“procurar algo” mas no sentido específico de procurar justamente num lugar onde se sabe onde está o que se procura). A acepção etimológica, pois, indica acção, de procurar a totalidade (da consciência) na direcção onde se sabe ou intui onde se encontra. As hipóteses de desenvolvimento desta técnica não se fixa somente numa acção ritualizada mas em várias onde se pode encontrar totalmente e estas técnicas podem ser variadas. Ao longo dos séculos XII a XVIII, praticava-se na Europa Bruxaria positiva, incluindo laborações de estilo xamânico para o bem da comunidade, como a cura física, psicológica e a adivinhação ou oracular. Recentemente, espiritistas e videntes perpetuaram parte de dito sistema. Actualmente há ressurgimento importante, na sociedade ocidental das formas mais tradicionais do xamanismo. Existem duas formas do êxtase¹⁰: o primeiro deles, o da insignificância, diluindo o indivíduo no esvaziamento na sua época, no mundo exterior e social, sem poder de transcendência. A segunda possibilidade é o êxtase desde a figura tradicional: o êxtase místico, a união do Eu finito, da alma particular, com a divindade, com o absoluto pleno de sentido; o estado além do entendimento racional ou qualquer explicação verbal¹¹.

Os xamanes do todo mundo afirmam voarem até lugares afastados ou a outros mundos habitados por espíritos e monstros. Os relatos de voos e viagens entre as bruxas medievais devem-se à entrada em transe das bruxas¹². Alguns conseguem o êxtase mediante a utilização de unguentos mágicos preparados com beladona, belenho e mandrágora¹³. «O xamane pode ser homem ou mulher, entra em estado alterado de consciência – quando quer – para ter contacto com a realidade habitualmente oculta, usando-a para adquirir conhecimento e poder e, com isso, ajudar outras pessoas. O xamane costuma ter, pelo menos, um – quase sempre mais – ‘espírito’ ao seu serviço pessoal» (Harner, 1995). Por exemplo, as descidas aos Infernos são realizados especialmente para procurar a alma do doente e trazê-la de volta como também esta descida ocorre com a finalidade oposta de acompanhar a alma do defunto até ao reino dos mortos.

⁹ Esta conexão tinha sido visionada pelo mais feroz perseguidor de bruxas: Pierre de Lancre. Ao deter-se sobre os processos por ele mesmo celebrados em Labourd (País Basco francês), vinculou às seguidoras de Diana mencionadas no *Canon Episcopi* com os licanthropos e com os “magos da Lapónia” (os xamanes) descritos por Olaf o Magno (*Olaus Magnus*). De Lancre procurava a característica comum: a capacidade de cair em êxtase diabólico, interpretado erroneamente por alguns como a separação da alma e o corpo. Para De Lancre o êxtase era o elemento unificador dos diversos cultos idólatras inspirados pelo Diabo. A reflexão de De Lancre passou totalmente despercebido.

¹⁰ In, Laura Cecilia Esplugas, “O êxtase religioso e o êxtase da insignificância”, texto realizado no contexto da matéria *Principais correntes do pensamento contemporâneo da Carreira de Ciências da Comunicação* da Universidade de Buenos Aires, em 2003.

¹¹ O desvanecimento individual na multidão através da experiência do poeta francês Charles Baudelaire e as reflexões do ensaísta argentino Héctor Murena (do qual procede a expressão “êxtase da insignificância”). A segunda variante, a do extático religioso ou místico absorve a maior parte do alento destas linhas. Ali, ressalta o valor do caminho de dois grandes místicos da tradição ocidental: o dominicano alemão, do séc. XIV, Meister Eckhart e San Juan da Cruz, místico espanhol, do renascimento (séc. XVI), atravessou a “noite escura” como caminho essencial para a união com a força infinita.

¹² O xamanismo refere-se geralmente à Sibéria e À América do Norte; mas se definirmos o xamane como o ser que pode agir apenas em estado de transe, o fenómeno do xamanismo pode ser então muito mais vasto. Parece produzir-se em todas as regiões onde culturas de caçadores sobreviveram até à época recente: os inuites, lapões do norte da Escandinávia, na América do Norte e o Sul, em certas regiões da África e sobre a orla noroeste da Austrália.

¹³ A *Atropa mandragora* é a erva perene baixa e cresce 30 cm de altura com bagas amarelas. Deriva da raiz bifurcada grossa conhecida por parecer às vezes com a forma humana. Todas as partes da planta contém hiosciamina e escopolamina e pode causar facilmente a morte pela paralisia respiratória. Tem longa história no uso medicinal e mágico na Europa.